

SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO NO SÍTIO BAIXIO DOS LOPES, BREJO SANTO-CE

Um Sítio Com Cerâmica Tupiguarani da Subtradição Policrômica

Gabriela Martin¹
Elisabeth Medeiros²
Anne-Marie Pessis¹

RESUMO

No artigo em pauta referimo-nos ao achado de um sítio com cerâmicas tupiguarani da subtradição policrômica no município de Brejo Santo, no Ceará, durante o acompanhamento arqueológico nas obras do projeto de integração do Rio São Francisco com as bacias hidrográficas do Nordeste setentrional. Aproveitamos o achado de peças cerâmicas de cuidada elaboração no sertão do Ceará, para fazer uma reflexão sobre a presença da tradição ceramista policrômica tupiguarani na região do semiárido do Brasil.

10

PALAVRAS CHAVE: Cerâmica tupiguarani, subtradição policrômica, Arqueologia no Ceará.

ABSTRACT

In the article in question, we refer to the discovery of a site with Tupiguarani pottery of polychrome sub tradition in the municipality of Brejo Santo, Ceará, during the archaeological monitoring in the works of the *Integration Project of the Sao Francisco river with the basins of the northern Northeast*. We take the finding of ceramic pieces of careful preparation in the Sertão of Ceará, to reflect on the presence of polychrome Tupiguarani ceramist tradition in the semi-arid region of Brazil.

¹ Docente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, UFPE.

² Discente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, UFPE.

KEY WORDS: Tupiguarani pottery, Polochrome Sub tradition, Archeology in Ceará.

Durante as obras de acompanhamento arqueológico referentes às atividades de pesquisa desenvolvidas no âmbito do projeto “*Prospecção, resgate e acompanhamento arqueológico e paleontológico na área de implantação do projeto de integração do Rio São Francisco com as bacias hidrográficas do Nordeste setentrional*”, foi identificado um sítio arqueológico com cerâmicas tupiguarani da subtradição policrômica.

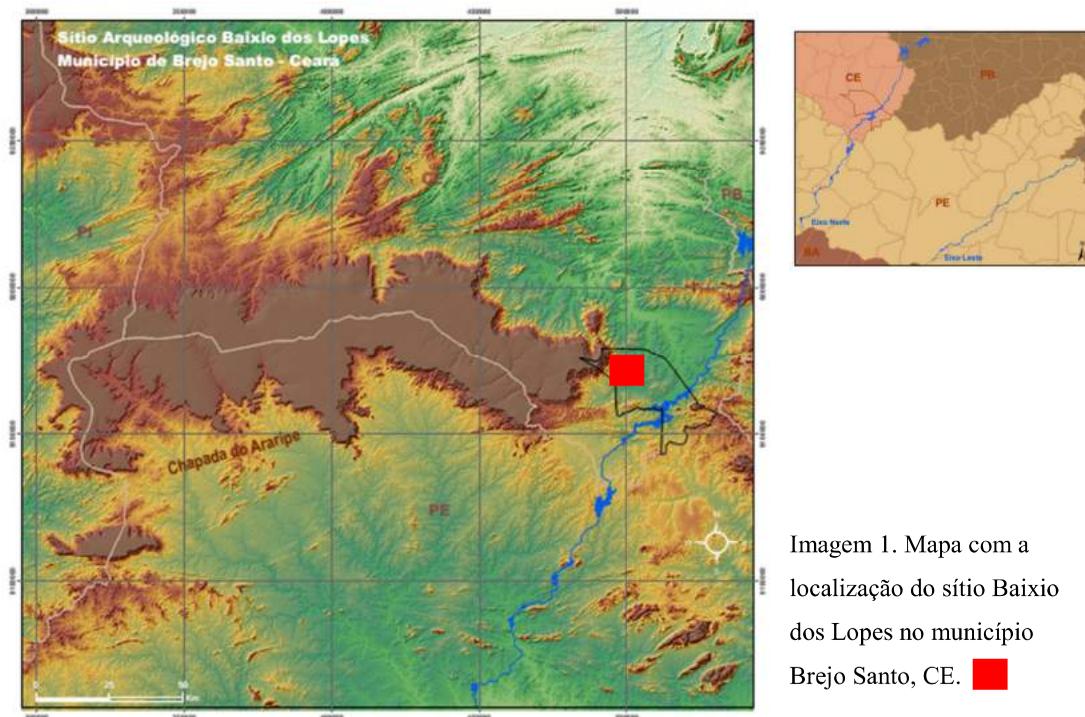


Imagem 1. Mapa com a localização do sítio Baixo dos Lopes no município de Brejo Santo, CE. ■

O sítio encontra-se localizado numa comunidade periférica da cidade de Brejo Santo-CE que está situado a menos de cinco metros da estrada que acompanha a futura linha de trem da

Transnordestina. A delimitação do sítio em termos arqueológicos não está definida na medida que não se realizaram ainda escavações sistemáticas no mesmo, mas a título informativo, o situamos entre as coordenadas geográficas (UTM 24 M 9171908/0500163 datum SAD 69) a partir do ponto em que a equipe do Inapas³ realizou a intervenção.

O local ficou conhecido como *Cemitério indígena de Brejo Santo* a partir de 1977 quando o jornal *Tribuna do Ceará* com data de 28 de setembro relata a retirada de três urnas cerâmicas com restos de enterramentos humanos. Na notícia veiculada pelo jornal citado consta, além das dimensões das três urnas retiradas, informação sucinta dos restos funerários existentes no interior das mesmas:

“Em todas as urnas havia a marca de respeito existente nos índios em relação aos mortos, haja vista o esmero com que as pintaram. A urna de número 01 era desenhada com listas circulares e retangulares alternadas nas cores preto sobre um campo amarelado. A segunda, muito embora nos falte informações, sabe-se, entretanto, que era também colorida. A última era composta de tampa e talha, com um acabamento primoroso, apresentando traços circulares e retas rubro-negras contrastando sobre um fundo alaranjado. Nos três camocins, ou porrões, foram encontrados os restos mortais de dois adultos e de uma criança, juntamente com colares de búzios com dentes de cutia e contas de uma pedra verde (amazônica). No camocim em que foi encontrada a criança havia objetos de uso dela, tais como passarinhos de barro – expressão artística do nosso sílvicola – e pedras coloridas que talvez serviram de brinquedos para o garoto”, (Tribuna do Ceará, 28/9/1977).

12

³ Instituto Nacional de Arqueologia, Paleontologia e Ambiente do Semiárido do Nordeste do Brasil, Inapas/CNPq/MCTI.

MEDIDAS	URNA 01	URNA 02	URNA 03
Altura	21 cm	14 cm	27 cm
Diâmetro da Boca	45 cm	37 cm	46 cm
Circunferência superior	1,48 m	1,27 m	1,50 m
Circunferência inferior	1,52 m	1,32 m	-x-
Comprimento linear	77 cm	57 cm	85 cm

Tabela 1. Dimensões das três urnas citadas no jornal *Tribuna do Ceará* em 28 de Setembro de 1977. Infelizmente, o paradeiro das três urnas citadas é hoje desconhecido.

Na cidade de Brejo Santo existe um pequeno museu particular conhecido como *Museu da Pedra da Urubu* com uma pequena coleção arqueológica e paleontológica. Nele, se guarda um vasilhame cerâmico que segundo o proprietário procede do Baixao dos Lopes e lhe teria sido doado por um antigo morador daquela comunidade. A urna, com 16cm de altura, 16cm de diâmetro na borda, e 72cm de circunferência continha, também, ossos de uma criança pequena ou recém nascida.

O sítio Baixio dos Lopes é conhecido da população de Brejo Santo-CE e, inclusive, está citado num livro sobre a história do município (NÓBREGA, 1981) e, pela proximidade da área habitada e da estrada, tem sido destruído paulatinamente por carroceiros que retiram areia para a construção e por curiosos na procura de restos arqueológicos.

A intervenção da equipe do Inapas no sítio Baixio dos Lopes foi casual, com apenas uma intervenção de urgência, pois mesmo perto, encontra-se fora da área de influência do projeto que está sendo realizado. Em um desses episódios de retirada de areia no sítio, houve um

desmoronamento que deixou em evidência a presença de fragmentos e urnas de cerâmica e os moradores do entorno avisaram a equipe do Inapas que se encontrava nas proximidades. A intervenção foi realizada a pedido da coordenação geral ambiental da CMT-Brejo Santo-CE e após o INAPAS informar a situação de emergência ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, procedeu-se à retirada dos materiais arqueológicos que afloravam.

Foram retiradas duas urnas embocadas, que continham ossos humanos, como foi demonstrado posteriormente no laboratório da Fumdham. Classificadas como urnas A e B, mesmo fragmentadas em parte, encontravam-se *in situ* e puderam ser retiradas em um bloco único. As duas estavam cobertas com uma camada espessa de cor cinza que ocultava a decoração, mas a cuidadosa restauração do Sr. Valdeci da Silva no laboratório da Fumdham permitiu recuperar em grande parte a pintura interna da urna A, (imagens 6 a 11). A urna B, (imagem 12) de tamanho maior e que cobria a anterior, apresenta a pintura mais deteriorada pela concreção acizentada que a cobre, embora a sua restauração está também em andamento. No interior da urna (A) foram coletados ossos humanos (femur, tibia, ulna e fragmentos do crânio). A uma distância aproximada de 1.50m do enterramento foi também retirada uma urna (C) de tamanho menor, também com decoração pintada (imagem 13). Fragmentos pintados ou sem decoração apareciam também na subsuperfície do sítio (imagens 14, 15).

14

Dimensões das urnas coletadas na intervenção do Inapas:

- Urna A, de forma oval (etiqueta: 893-2), comprimento 64cm; largura 49cm e altura 17cm;
- Urna B, de forma oval e que cobria como tampa a anterior (etiqueta 893-1), comprimento 72cm; largura 60cm e altura 23cm;
- Urna C, boca redonda e corpo carenado (etiqueta 891), diâmetro 13cm e altura 10cm.

Cabe ressaltar que foram coletados também lascas e instrumentos de sílexito, quartzito e arenito silicificado e restos de coquinhos (*Arecacae*).



Imagem 2. Vista do sítio na margem da rodovia.



Imagens 3 e 4. Evidência das urnas *in situ*.



16

Imagem 5. Início da retirada das urnas sobrepostas.



Imagens 6 e 7. Restauração da Urna A e seu aspecto antes da restauração da pintura interna.



17

Imagem 8. Urna A depois da restauração da pintura interna.



Imagem 9 e 10 Detalhe da pintura interna da Urna A.



Imagem 11. Detalhe da pintura da borda interna da urna A.

Como infelizmente não se tratou de uma escavação planejada, mas de um salvamento de urgência num derrube natural acontecido a cinco metros da abertura de uma vala na margem dos trilhos do trem, as informações que podemos fornecer sobre o sítio Baixio dos Lopes são precárias. O achado não é único naquele lugar e pelas informações levantadas sabemos que foram retiradas urnas tupiguarani pintadas no entorno do sítio, num contexto de achados casuais em diversas épocas pelos moradores do entorno, quando retiravam areia seca para a construção. Todavia e pela variedade e qualidade dos materiais arqueológicos registrados consideramos que o sítio deverá ser objeto de uma escavação extensiva e planejada. Nas prospecções arqueológicas posteriores realizadas pelo INAPAS no município de Brejo Santo foi possível constatar as alterações que as obras da Transnordestina têm produzido, além o avanço urbano da cidade de Brejo Santo, com construções residenciais, instalação de cercas de arame dividindo propriedades e o estádio municipal de futebol, fatos que justificam uma intervenção completa no sítio Baixio dos Lopes.



19

Imagem 12. Urna B sem restauração da pintura.



Imagem 13. Urna C e detalhe da pintura externa.



Imagens 14 e 15. Fragmentos de cerâmica com restos de pintura.

Algumas observações são pertinentes, mesmo a partir apenas dos dados conhecidos. O sítio corresponde sem dúvida a um cemitério indígena onde se praticaram rituais fúnebres secundários com enterramentos em urnas decoradas com pintura de diversas cores dentro da tradição tupiguarani, na variedade ou subtradição policrômica. Observando as medidas registradas nos achados anteriores e as das urnas coletadas mais recentemente, vemos que há uma unidade ou semelhança de padrões cerâmicos e não se trata de apenas um achado casual. As medidas das peças registradas indicam a existência de urnas abertas semelhantes às que aqui apresentamos.

Urnas de tamanho menor, também decoradas com policromia, foram assinaladas como procedentes do mesmo sítio em coleções particulares e museus locais da região, embora sem dados precisos que confirmem essa procedência nem a época do achado, mas que poderiam pertencer ao enxoval funerário que acompanhava os enterramentos. Cabe cogitar-se que o sítio Baixio dos Lopes fora também uma aldeia de população ceramista e não apenas um cemitério, conhecido o costume dos indígenas de enterrar os defuntos nas próprias aldeias ou inclusive dentro das casas.

Não chega a ser novidade a constatação da presença de cerâmica tupiguarani da subtradição pintada nos sertões do Nordeste, embora cada novo achado registrado acrescente mais um dado à extraordinária difusão desta cerâmica no Brasil. Temos observado, também, que a densidade dos achados diminui do litoral ao interior, mas não apenas no número de sítios, mas também em relação à concentração do número de peças coletadas. O achado de poucos exemplares em determinados lugares do interior em contraste a maiores concentrações em sítios litorâneos sejam aldeias, sítios funerários ou possíveis lugares cerimoniais, nos leva a levantar a hipótese da existência de redes comerciais que indicariam a valorização da cerâmica tupiguarani pintada policrômica como moeda de escambo.

Tratar-se de peças menores e menos pesadas se poderia pensar em algum tipo de comércio, embora essa possibilidade resulte difícil dado o peso e o tamanho da maioria das peças cerâmicas coletadas pertencentes a essa subtradição tupiguarani. Como explicar a existência de vasilhas/urnas que podemos considerar quase idênticas achadas em sítios tão distantes entre si? Desde o litoral ao sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará encontram-se urnas cuidadosamente decoradas. Então temos que partir de outra premissa, já que a variável transporte estaria descartada e teríamos que aceitar um intenso intercâmbio de técnicas cerâmicas entre grupos diferentes. A complexidade dos desenhos nos leva a pensar na existência de artesões dedicados à decoração dessas vasilhas, sem dúvida cerimoniais, pois a complexidade da decoração interna lhes resta qualquer uso funcional que não seja votivo.

No caso particular das peças de Brejo Santo, elas foram utilizadas como urna funerária de enterramentos secundários. O achado não é único naquele lugar e pelas informações levantadas sabemos que foram retiradas urnas tupiguarani pintadas no entorno do sítio, num contexto de achados casuais em diversas épocas, pelos moradores da região, quando retiravam areia seca para a construção.

Dos sítios com cerâmica tupiguarani pintada, ou tupinambá, como é mais conhecida no Nordeste, há já repertórios e publicações que assinalam a sua presença no litoral do Ceará com relativa frequência (VIANA; SOUSA; SOARES, 2007), mas nas áreas interioranas o registro é mais precário, embora haja informações da existência de sítios no Cariri cearense. O mesmo caso se repete no Rio Grande do Norte, onde a cerâmica tupinambá com decoração policrômica está bem representada em sítios do litoral, mas com menos densidade no interior, como na Serra de Santana, por exemplo (MAFRA; NOGUEIRA, 2013). Também no sertão de Pernambuco repetem-se casos semelhantes, como em Sertânia (GALINDO, 1984) e até o sopé da Chapada do Araripe (NASCIMENTO, 1991).

Além da constatação desse fato, cabe uma reflexão que explique a grande difusão que alcançou a cerâmica tupiguarani em geral e a policrômica em particular. Sabemos que essa cerâmica definida como tupiguarani nos sítios mais interioranos do nordeste brasileiro não se corresponde com grupos falantes da língua tupi denominada "língua geral" pelos colonizadores por ser o idioma indígena mais falado ao longo da costa brasileira, que correspondia as distintas variedades do tupi antigo. Essa língua, hoje perdida como idioma falado por grupos vivos, foi coligida nos dicionários e repertórios elaborados pelos missionários que tinham especial interesse em conhecer as línguas indígenas para proceder a catequização dos índios no seu próprio idioma.

A grande extensão territorial que o Tupi alcançou é realmente impressionante e sua expansão coincide, em parte, com a difusão da cerâmica conhecida como da tradição tupiguarani, facilmente identificável, especialmente na subtradição pintada policrômica, que se encontra, praticamente, de norte a sul do Brasil. Esses fenômenos levaram ao estabelecimento de teorias de pesquisadores, linguístas e arqueólogos, pretendendo demonstrar que existiram grandes migrações de povos de tronco Tupi-guarani, que teriam sido estimuladas pela tradição da chamada "migração ritual". Os povos se deslocam por motivos muito concretos, tais como a

pressão demográfica, a expulsão forçada por outros grupos mais fortes ou a falta de alimentos, sejam a caça ou o esgotamento da terra cultivada. Dos índios históricos conhecemos sua permanente mobilidade, mesmo entre os agricultores, pelo esgotamento rápido da produtividade agrícola.

Descartada a possibilidade de um comércio de escambo, pela dificuldade de salvar as distâncias, pelo peso e a fragilidade do material, a difusão espaço-temporal da cerâmica tupiguarani da subtradição policrômica, significa uma intensa rede de contatos continuados entre etnias diferentes. Ao dizer continuados, referimo-nos a um período que contempla em torno de mil anos entre os dados arqueológicos mais antigos e as informações que nos chegaram dos colonizadores europeus. Certos grupos Tupinambá, até a sua extinção, podem ter continuado a fabricar cerâmica tupiguarani até começos do século XIX. Essa cronologia indica os extremos da tradição, mas os períodos de maior extensão e densidade populacional situam-se entre os anos 1.000 e 1800.

200 - 500	Pré-tupiguarani, (Amazônia)
500 - 900	Período arcaico
900 - 1300	Período médio
1300 - 1500	Período tardio
1500 - 1800	Período colonial de contato europeu

Tabela 2. Cronologia da tradição ceramista tupiguarani AD.

Temos defendido que a cerâmica foi inventada em todo os continentes incluindo as Américas, (MARTIN, 1997; MARANCA, MARTIN, 2015) mas, naturalmente, nos referimos à cerâmica utilitária, basicamente para armazenar água e conservar e cozinhar alimentos, fabricada desde os primórdios da civilização. As cerâmicas cerimoniais das culturas pré-clássicas e clássicas americanas, assim como a tupiguarani policrômica, também cerimonial e funerária, representam

a evolução e o aperfeiçoamento de sofisticadas técnicas de fabricação que se difundiram na ampla geografia brasileira em épocas dilatadas.

Durante os trabalhos do PRONAPA admitiu-se uma cerâmica considerada própria dos grupos falantes nas línguas do tronco Tupi, que foi, então, chamada da tradição tupiguarani. Citada pelos cronistas já no século XVI e XVII, começa a ser estudada nos fins do século XIX e, segundo recolhe J. Brochado (1980), mais de cem autores já pesquisaram ou se referiram a essa cerâmica. Tradicionalmente considerava-se como típica das regiões costeiras e pertencentes a grupos humanos que moravam em aldeias de forma oval ou circular, com economia baseada na mandioca. Com o avanço das pesquisas nas regiões sertanejas do Brasil, esse panorama deixou de ser reducionista aos grupos falantes das línguas Tupi e, então, temos que entender que as refinadas técnicas de pintura das peças cerimoniais tupiguarani foram adquiridas, também, por grupos Jê habitantes do semiárido.

24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCHADO, José Proenza. (1973). Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. Relaciones. t.7, Nueva Serie. Buenos Aires, Sociedad Argentina de Antropologia, p.7-39.

_____. (1980). A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História, n.3, Recife, UFPE, p.47-60.

LIMA, M. Galindo; ROCHA, J.S. Um sítio arqueológico da subtradição pintada no sertão pernambucano CLIO - Série Arqueológica. v.1; n.6. Recife: UFPE,1984. p.39-46.

MACHADO, Daniel Luna; MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Horticultores ceramistas da bacia sedimentar do Araripe: classificações arqueológicas e características tecnológicas. CLIO Arqueológica, n. 26, V.2, Recife, UFPE, 2011.

MAFRA, Fábio; NOGUEIRA, Mônica. A cerâmica tupinambá na Serra de Santana-RN: a cultura da floresta tropical no contexto do semiárido nordestino. *CLIO Arqueológica*, 2013, V. 28-1, UFPE.

MARANCA, Sílvia; MARTIN, Gabriela. As populações pré-históricas ceramistas na região da Serra da Capivara. In *Os biomas e as sociedades humanas na pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil, Vol. II-A*, 2014, pag. 480-511. São Paulo.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Histórias dos Povos Indígenas do Sertão Nordeste no Período Colonial Problemas, Metodologias e Fontes. *CLIO Arqueológica*, n. 15, v. 1, 2002.

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Ed. Universidade Federal de Pernambuco, 434 p. il. 5ª ed. 2008.

NASCIMENTO, Ana. Aldeia Baião - Araripina, PE. Um Sítio Pré-Histórico Cerâmico no Sertão Pernambucano. *Clio – Arqueológica*, n.7, 1991, p. 143-204.

NÓBREGA, Fernando Maia da. *De Brejo da Barbosa a Brejo Santo*. Imprensa oficial do Ceara. 206 p. 1981.

PROUS, André; LIMA, Tânia A. (org.). *Os Ceramistas Tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma, 2008.

SANTOS, Claristella Alves dos. (1992). Mobilidade espaço-temporal da Tradição Tupiguarani: considerações linguísticas e arqueológicas. *CLIO - Série Arqueológica*, v.1, n.8. Recife, UFPE, p.89-130.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Proposta de Terminologia para a Descrição e Classificação da Cerâmica Arqueológica dos Grupos Pertencentes à Família Linguística Tupiguarani. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 14, p. 291–307, 2004.

VIANA, Verônica P., SOUSA, Luci D., SOARES, Karlla A. Os antigos habitantes da praia de Jericoacoara, Ceará: Arqueologia, História e Ambiente. *CLIO Arqueológica*, n. 21, p. 117– 202, 2007.